



PERSPECTIVAS SOCIAIS E PSICOLÓGICAS NO CONTO “O ENFERMEIRO” DE MACHADO DE ASSIS

Ana Maria Pinto Freire, Lenilson Sousa da Silva

RESUMO

As características mais influentes nas obras de Machado de Assis são a proposital ironia à qual julgamos ser bastante culta, e um grande tom de moralismo, que é o fator que aproxima a ficção da realidade. O presente artigo objetiva estudar o conto “O enfermeiro” de Machado de Assis, adotando uma postura analítica frente as perspectivas sociais e psicológicas que se evidenciam de maneira contínua dentro da obra, fato este que a classifica como um conto de grande potencial elucidativo, pois a partir dela, é possível compreender o comportamento humano em meio aos percalços que a vida nos apresenta. Buscamos dar conta das perspectivas supracitadas, bem como dar enfoque a outros elementos da narrativa, como a construção dos personagens, o clímax, o desenvolvimento do enredo em si, o grau de aproximação entre ficção e realidade dentro da obra, a interferência da historiografia do autor e outros fatores inseridos na obra. Para este fim, utilizamos teorias desenvolvidas por teóricos influentes neste tipo de procedimento, aos quais fazemos questão de destacar Antônio Cândido, Cândida Vilares Gancho e Terry Eagleton.

PALAVRAS-CHAVE: Obra machadiana, Enfermeiro, Condições sociais, Ironia.

SOCIAL AND PSYCHOLOGICAL PERSPECTIVES IN THE SHORT STORY “O ENFERMEIRO” BY MACHADO DE ASSIS

ABSTRACT: The characteristics, that are more influential in the Machado de Assis’s works, are the purposeful irony, which we evaluate to be very erudite; and also a considerable moralism value, that presents, specifically in this work, as a factor that allows affirming a

considerable approximation between fiction and reality. This work aims to study the short story “O enfermeiro” by Machado de Assis, using an analytical posture in front of social and psychological perspectives that are evidenced, continuously, in the narrative, this is the fact that classifies the text as a great elucidative potential short story, because, through this text, it is possible to understand the human behavior in the mishaps that life presents to us. We intended to cope with above perspectives, as well as giving focus to other elements of the narrative, such as the construction of characters, the climax, the development of the plot, the approximation degree between fiction and reality in the story, the interference of the historiography of the author and others factors inserted in the text. For this purpose, we used developed theories by influential scholars in this type of procedure, among them, we mentioned Antônio Cândido (2004), Cândida Vilares Gancho (2004), Souza (2006) e Terry Eagleton (1997).

KEYWORDS: Machadian text, The nurse, Social conditions, Irony.

2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A obra de Machado de Assis, o enfermeiro, de grande relevância tanto de cunho social como psicológico e religioso, atenta para várias discussões acerca do mundo sociocultural. Possibilita-nos uma grande visão de mundo, mas também não deixa a desejar quando o assunto é a reflexão entre o ser e o cotidiano como por exemplo, o amor, a vida pessoal e também um pouco de seus costumes.

O fato de escrever sobre coisas corriqueiras atrai com grande facilidade o público leitor, que se familiarizam com seus escritos por tratar de assuntos recorrentes. Neste conto, o narrador-personagem é munido de subjetividade, fazendo com que o leitor se identifique com seu poder de persuasão e a sua capacidade psicológica de planejar ações para conseguir escapar intacto dos conflitos. Tudo isso só é possível porque quem narra a história é o próprio personagem, por isso consegue saber tudo. Na análise, trataremos desses assuntos de forma mais minuciosa, debatendo à luz dos teóricos da área.

3 CONHECENDO A OBRA E O AUTOR

A obra de Machado de Assis intitulada “O enfermeiro”, este conto trata-se da história de José Procópio Gomes Valongo, que era um copista que trabalhava na Igreja copiando citações latinas e fórmulas eclesiásticas, que vivia de favores de um padre conhecido de

infância que lhe dava casa, cama e comida. Certo dia o padre recebe uma carta vinda do interior perguntando se não teria ninguém que quisesse prestar serviços de enfermeiro a um coronel em troca de dinheiro. Cansado da vida subalterna que levava, Procópio logo aceitou a proposta. Quando chegou à vila do interior, logo as pessoas começaram a falar mal do Coronel Felisberto. Os primeiros sete dias dele com o Coronel, foi uma lua de mel, mas a partir do oitavo dia o enfermeiro passou a vivenciar tudo que os seus antecessores viveram. Era uma vida de cão, o coronel se sentia bem com a dor e humilhação dos outros.

Diante de tantos insultos, Procópio decide ir de regresso à corte e abandonar o Coronel, mas ao mesmo tempo pedia para ficar, ele acabou aceitando. A situação ia se agravando cada vez mais. Certo dia, após ter tido uma briga feia com o Coronel, o mesmo caiu no sono e o enfermeiro foi ler um livro, pois tinha de medicar o velho à meia-noite. Aconteceu que Procópio adormeceu e quando acordou foi pelos gritos do Coronel, que acabou por sacudir a morninga na face de Procópio que entra em luta corporal com o velho e o esgana. Depois se preocupa com a possibilidade de descobrirem que ele havia matado Coronel Felisberto, faz tudo para ocultar o crime.

Ao amanhecer do dia, recebendo visitas no funeral do velho, as pessoas se admiravam como Felisberto poderia ter vivido tanto com tantos problemas de saúde, o que foi acalmando Procópio que desde a hora do crime vinha tendo fortes alucinações de ordem psíquica. Dias depois, ao saber que era o herdeiro universal do velho, Procópio decide distribuir todo o dinheiro em donativos, mas logo arrepende-se e manda construir um túmulo para o coronel, faz algumas doações e o restante, investe em títulos e dinheiro.

Machado de Assis, é considerado um dos maiores contistas da literatura brasileira, sempre com uma moralidade bem acentuada e uma ironia bastante condensada, fato esse que impossibilita ao leitor a compreensão. Seus escritos, incrementava quase sempre as contradições socioculturais e ideológicas do Rio de Janeiro, basta vermos a transcrição da escravatura em seus textos. Grande autor brasileiro, escrevia sobre a realidade da vida, com todos os contrastes, ironias e também submetia o homem. Para muito, sua maior obra foi Memórias Póstumas de Brás Cubas, onde prevaleceu a ironia dentro da ficção.

4 ANÁLISE DA OBRA

A pergunta que introduz o conto leva o leitor mais assíduo a refletir sobre a grande aproximação entre ficção e realidade apresentada na obra, mas o leitor mais refinado saberá distinguir essa verdade, pois como diz Perrone e Moisés (1990), “a palavra *criação* supõe o

tirar do nada, o tornar existente aquilo que não existia antes”, Terry Eagleton (1997) complementa ao definir literatura como “a escrita imaginativa, no sentido de ficção, escrita que não é literalmente verídica” O narrador pede que só publique-se o relato após a sua morte, que não demorará muito, nos permite dizer que a expressão “estou desenganado” submete o leitor a interpretar por duas linhas de raciocínio, a primeira é que pode o narrador-personagem estar referindo-se ao lado humano, que estaria desenganado por alguma doença; e a segunda é que ele poderia estar desenganado de tantos desmandos de sua vida, como se nada mais lhe interessasse.

O conto deve ser analisado minuciosamente pelo fato de o narrador-personagem interferir diretamente no enredo, ou seja, este é dotado de subjetividade. Procópio sendo o narrador protagonista é o personagem principal da narrativa, com características de herói, mas que na verdade se enquadra como um anti-herói pelo fato de não ter competência para a função de herói, pois estando ele prestando serviços de enfermeiro, devia ter tido total cuidado com o coronel, mas por ironia do destino, ele se torna responsável por sua morte. Dando suporte teórico à classificação do personagem Procópio, Gancho (1993), diz que “o mesmo personagem pode ser julgado de modos diferentes”, ou seja, existe em cada personagem várias possibilidades de interpretação. E complementa ainda: “portanto, poderá apresentar características morais diferentes, dependendo do ponto de vista adotado”.

O coronel Felisberto classifica-se como um personagem antagonista por se apresentar no enredo como o vilão da história; mas é aí que surge um problema de entendimento. O enfermeiro inicia a história como protagonista e o coronel como antagonista. Teriam eles invertido os papéis no clímax deste enredo? E justamente é essa a chamada dualidade da obra machadiana, a simplicidade com que ele escreve as narrativas, e ao mesmo tempo o elevado grau de profundidade que estes escritos proporcionam.

O tempo descrito no enredo é cronológico, por conter passagens dentro da narrativa que denotam esta noção de temporalidade, como por exemplo, a “lua de mel de sete dias”, o ano de “1866”, a “passagem de alguns meses”, a “noite de 24 de agosto de 1859 até o amanhecer”, o “dia do enterro”, e “passaram-se três meses”. Há também várias outras passagens que expõem o tempo cronológico. O narrador faz uma comparação do tempo com a lamparina da madrugada, como se o relógio se invertesse ao tempo que lhe resta. É o tempo que Gancho (1993) define quando a história se dá “do começo para o final”, ou seja, as ações se desenvolvem num tempo que segundo ela, “chama-se cronológico porque é mensurado em dias, meses, anos, séculos”. A narrativa inicia-se contando que fato ocorreu em 1860, o que

nos diz que o narrador dá uma volta no tempo, e ainda decorre a um ano atrás, 1859 e a partir de 1860 narra a história numa sequência linear.

No tocante ao espaço, dois grandes momentos o define. A cidade de Niterói, que era onde Procópio trabalhava em uma Igreja, e a vila do interior onde ele passou a morar com o coronel Felisberto. Em outras passagens do enredo podemos observar citação dos espaços, como por exemplo, o Rio de Janeiro, a rua, a sala mortuária, o quarto do coronel, entre outros. Aparentemente o enfermeiro parece-nos ser livre, mas sabe-se que as condições socioeconômicas sempre foram um fator determinante na vida dele. Primeiro que ele vivia de favor na casa de alguns padres amigos dele, e segundo que ele passou a viver quase que como um escravo debaixo de ordens e de caprichos do coronel. E nenhuma dessas situações eram vividas por que ele gostava, mas sim porque ele não era uma pessoa autônoma.

Pessoalmente o que mais me atrai nos seus livros é outro tema, diferente destes: a transformação do homem em objeto do homem, que é uma das maldições ligadas à falta de liberdade verdadeira, econômica e espiritual. Este tema é um dos demônios familiares da sua obra, desde as formas atenuadas do simples egoísmo até os extremos do sadismo e da pilhagem monetária. (CÂNDIDO, 2004, p.28)

O Coronel Felisberto, conforme somos acostumados ouvir falar, era um desses velhos coronéis que tinha uma certa maldade em si, de temperamento forte, era bastante impulsivo e também se achava “dono” de Procópio, fato que nos permite afirmar que são traços da realidade refletindo na obra. Quem não conhece as histórias da época do coronelismo, que havia todo um contexto cultural escravocrata. Assim, podemos encontrar esta perspectiva na obra machadiana, que é certa demonstração, certa denúncia da vida como ela é, com todos os contrastes sociais.

O texto literário é concebido como arranjo especial de linguagem, cujo processo de construção e artesanato interessa, se não exclusivamente, pelo menos muito mais do que sua transparência em relação a fatores como as experiências vividas pelo autor, os condicionamentos sociais, etc. (...) Pode-se imaginar, inicialmente, que se trata de uma investigação de caráter historiográfico, interessada em fatos constatáveis que contextualizem a produção literária, como, por exemplo, circunstâncias da vida do escritor ou da organização social de sua época. (SOUZA, 2006, p.55-60)

As atitudes de Procópio para com os insultos do coronel eram de uma aparente indiferença, ele deixava passar várias coisas, o que fez com que ele ganhasse a confiança do

velho. O que aconteceu de fato, foi que o Coronel simpatizou com Procópio, pois ele agride, resmunga, briga bastante, mas não deixa que o enfermeiro vá embora. A partir daí o enfermeiro se isola do mundo, dedicando-se apenas aos cuidados com o coronel, fato que ele alimenta um grande ódio. A causa do temperamento se confirma logo no quinto parágrafo, quando disse a Procópio que “os enfermeiros anteriores, eram todos respondões e andavam ao faro das escravas”, o que dá ênfase ao período da escravidão presente na obra. Em um dado momento no Brasil, o coronelismo foi um período de grande influência sociocultural, período este que deu subsídio à construção do personagem Felisberto.

Logo no sexto parágrafo, quando o enfermeiro está sendo recepcionado pelo coronel, percebemos traços de subserviência no momento em que ele permite que o Coronel o chame conforme própria vontade. Já farto de aturar o Coronel, Procópio decide ir embora, aguardando somente a oportunidade, o que lhe permitiria dizer deteve de motivos para abandonar o velho. Inicia-se no décimo quarto parágrafo a complicação da história, culminando assim, no clímax, que foi a morte do Coronel. “O clímax é o momento de maior tensão no enredo”. (PEREIRA, 2000, p.32). A conclusão dos fatos na história dá-se na abertura do testamento do Coronel, quando Procópio descobre que é o herdeiro universal do velho. É importante lembrar que após constatar que depois da luta corporal com o doente, o mesmo havia falecido, o enfermeiro é massacrado pelo seu inconsciente. O lado psicológico fala mais alto quando o enfermeiro se diz ver alucinações. “Era um atordoamento, um delírio vago e estúpido. Parecia-me que as paredes tinham vultos”. Ele estava vendo, sentindo e escutando o que não existe. “Minutos depois, ví três ou quatro vultos de pessoas no terreiro espiando com um ar de emboscada; recuei, os vultos esvaíram-se no ar, era uma alucinação”.

No amanhecer do dia, pensou em fugir, mas logo o seu raciocínio lógico apontou que a fuga seria uma espécie de confissão do crime. O plano psicológico se desenvolve de maneira tão forte nessa história, que até mesmo para vestir as mortalhas no velho, houve raciocínio lógico de Procópio ao chamar “um preto velho e míope”, fato que na interpretação do personagem, este auxiliar não conseguiria enxergar as escoriações que ficara no corpo do Coronel e assim constatar que sua vida teria sido assassinada. Acreditamos que esta complexidade presente neste escrito seja devido ao caráter esquizofrênico do autor, conforme diz Antônio Cândido (2004), ao afirmar que Machado tinha “cor escura, origem humilde, carreira difícil, humilhações, doença nervosa”. São esses os aspectos que refletem diretamente na obra machadiana, em seus personagens ele sempre buscou introduzir esses contrastes.

Escrevia com um propósito de criticar a sociedade, descrever o mundo, a conduta humana, “os conflitos essenciais do homem consigo mesmo, com os outros homens, com as classes e os grupos”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as discussões pautadas no decorrer da análise, quanto as questões sociais, psicológicas e várias outras perspectivas vislumbradas na obra, verificamos a complexidade da personalidade do autor Machado de Assis, assim como a sua grande contribuição à literatura brasileira através destes aspectos apresentados. Ainda hoje é um autor bastante debatido no Brasil por seu caráter polivalente.

O motivo que causa esta discussão, é o fato de suas obras apresentar problemas que vão passando de geração em geração, ou seja, todas as sociedades apresentam os mesmos contrastes sociais. Há nesta obra vastas possibilidades de análise, manifestando assim, problemas recorrentes na conjuntura da sociedade atual. Machado de Assis neste conto apresenta personagens de caráter fraco, um homem que não é mais idealizado, não é mais submisso e que vai muitas das vezes além dos limites deixando-se levar pelas emoções do momento.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 4.ed.São Paulo/Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

EAGLETON, Terry. Introdução: O que é literatura? *In.:*____. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes. 1997.

PEREIRA, Helena Bonito. **Literatura: toda a literatura portuguesa e brasileira**: Volume único/ Helena Bonito Pereira.- São Paulo: FDT, 2000.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **A criação do texto literário**. *In.:*____. Flores da escrivantina: ensaios. São Paulo: Cia da letras, 1990.

SOUZA, Roberto Acizelo de. **Iniciação aos estudos literários**: objetos, disciplinas, instrumentos. São Paulo: Martins Fontes, 2006.